

À Biblioteca Pública de Braga

AVENCA LIVRE

20
JANEIRO
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — A M A R E S

Obrigado, Espanha,

Pela tua Presença, Pela tua Lealdade,
Pela tua Galhardia

Milhares de pessoas — na sua grande maioria jovens de ambos os sexos — reuniram-se no alto da avenida da Liberdade, junto da estátua do marquês de Pombal, e depois, empunhando cartazes e tiras de pano onde se liam frases como esta: «Os jovens de Portugal e da Espanha preferem morrer com honra a viver na ignomínia», foram à embaixada espanhola agradecer ao embaixador Ibañez Martim o apoio dado pelo Governo do Generalíssimo Franco a Portugal quando da agressão indiana a Goa e a maneira calorosa como o povo espanhol — «a Espanha cavaleiresca e fiel» — se manifestou, nessa emergência, fraternal para com o povo português.

O embaixador não estava presente, mas o ministro conselheiro D. Rafael Morales recebeu das mãos de um estudante goês, Caetano José da Silva Xavier, aluno da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, uma mensagem, que foi primeiramente

lida pelo estudante goês e em que se diz:

«Os portugueses que subcrevem esta mensagem representam, por mandato do coração e da História, todos os irmãos seus, vivos e mortos, que nas cinco partes do mundo ergueram e sustentam o nome de Portugal.

«Para todos eles é a hora da dor: Goa está cativa.

«Mas é também a hora da esperança: Goa há-de ser libertada.

«E na dor e na esperança a Espanha está connosco; por isso, para todo o Portugal, esta é, ainda, a hora da Graça».

«Obrigado, Espanha, pela tua presença!

«Obrigado, Espanha, pela tua lealdade!

«Obrigado, Espanha, pela tua galhardia!

«Francisco Xavier, que baptizou a Índia Portuguesa, nasceu nos teus braços e morreu nos nossos.

Ele não é só teu, porque

Continua na 4.ª página

TERIA SIDO O DESTINO?

Insistimos com as nossas campanhas porque estamos convencidos de que por fim triunfará o bom senso nesta nossa bela terra. Nalguns sectores conseguiram-se já resultados interessantes, o que é motivo de viva satisfação para todos os que trabalham ou colaboram connosco. Assim o pé descalço tende enfim a desaparecer; a casca da laranja ou de banana atirada para a rua é quase um anacronismo e há indícios de que alguns progressos se devem fazer em breve para solucionar de vez outros graves problemas por nós há tanto tempo debatidos — a recuperação dos cegos; o amparo post-prisional; a ajuda conveniente aos jovens que saem dos asilos e se vêem subitamente abandonados; aos que recebem alta dos hospitais e não têm um lar que os espere; a infância desvalida, etc. etc..

Entretanto a Imprensa de todo o País continua o relato quase diário das tragédias provocadas pela rotina, pela igno-

rância — ou pelo desleixo que urge combater sem tréguas.

Ainda há dias um lar inteiro ficou reduzido a cinzas e uma criança carbonizada, porque uma inocente ficara sôzinha em casa, entretendo-se a brincar com uma caixa de fósforos que a mãe deixara ao alcance de suas mãos!

Outra criança ficou sem a

(Continua na 4.ª página)

A GUINÉ PORTUGUESA

por Porfírio de Sousa

Continuação do número anterior

Por sua vez, António de Barros Bezerra recebera uma extensa carta, assinada por El-Rei, datada de 22 de Dezembro de 1686, em que lhe respondia a vários officios e lhe dava conta da ida de Veríssimo de Carvalho da Costa a Cacheu para o orientar e auxi-

liar no que fosse preciso.

«É para este mesmo fim fui servido ordenar a Velíssimo Carvalho da Costa, que ora vai governar as Ilhas de Cabo Verde, que sem tomar posse do seu governo, e sem prejuizo algum da jurisdição,

(Continua na 5.ª página)

CORTEJO DE OFERENDAS

É no próximo dia 14 de Março que se realiza o cortejo de oferendas a favor da nossa Misericórdia e que tem por fim conseguir meios para fazer construir os pavilhões das enfermarias.

Estão a ser nomeadas as comissões de freguesia de maneira a tornar possível uma colaboração de todos os centros.

Estão também a ser expedidas cartas em que se solicita a ajuda de todos os filhos do concelho.

Se todos quiserem, como é justo que queiram, o concelho terá, em breve, o hospital de que recisa.

POR ISSO BATEMOS NELES!

Já deitamos pelos olhos, de fartos de a ouvir, a expressão corriqueira de que provocamos a divisão entre os «nossos», pelo facto de verberarmos más acções de certos indivíduos, os quais, lá porque estão inscritos na União Nacional, ou na Legião Portuguesa, ou são empregados ou dirigentes de um organismo corporativo ou da Emissora Nacional, ou são funcionários do Estado ou administrativos, ou simplesmente porque em conversas se dizem partidários do Estado Novo ou admiradores do Senhor Presidente do Conselho, entendem ter adquirido o direito à impunidade para as asneiras que co-

metem. Vejam os nossos amigos se nos entendem: nós não provocamos divisão nenhuma, pela peregrina razão de que não somos dos «nossos». Nessa famosa categoria de «nossos» estão incluídos todos os revirralhistas infiltrados no sistema corporativo que o desacreditam pela sua ignorância e incompetência (por isso batemos neles); estão incluídos os católicos-progressivos políticos de mão estendida aos comunistas, na esperança lorpa de salvação futura, arranjando folha de serviços que serão tantos quantos os desserviços que praticam (por isso batemos neles); estão

(Continua na 4.ª página)

A VIDA PROGRESSIVA

da Associação dos Bombeiros Voluntários

REFERIDA NA A. GERAL

A nossa Associação dos Bombeiros Voluntários tem sido, nos últimos anos, a instituição do concelho que mais tem progredido. Ainda há pouco mais de três anos na sua velha sede de aí até cá conseguiu amplos terrenos onde construiu a sua ampla sede e começou o futuro teatro ao mesmo tempo que melhorou o material e fez a parada.

No passado domingo reuniu a Assembleia Geral daquela instituição que nos deu a oportunidade, pelo relatório da Direcção, de ver como a sua situação financeira tem melhorado de maneira a permitir que se encare em breve a continuação do teatro.

À reunião presidiu o sr. Paulo Barbosa de Macedo, presidente da direcção, em virtude de não estar presente o presidente da Assembleia Geral que tendo deixado de convocar a reunião que deveria efectuar-se no ano findo se negou a assinar o aviso deste ano e a comparecer. Se se tratasse de uma politiquice inútil ou de fazer valer um capricho, se se tratasse de satisfazer vaidade ou orgulho não deixaria de estar, independentemente do interesse geral ou dos organismos.

Verifica-se pelo relatório que a Associação já gastou na sua sede, no teatro e em obras do terreno 174.869\$50. Ao iniciar 1960 o débito era de 67.499\$00 e a pedreira que a Associação explora deu de rendimento líquido 18.700\$00 no ano de 1959.

Ao iniciar 1961 o débito era de 41.426\$50 e a pedreira tinha dado de rendimento no ano anterior 19.200\$00.

Neste início de 1962 a dívida era somente de 8.630\$00 e a pedreira rendeu no ano findo 18.000. É, pois, de 33 contos o saldo da gerência de 1961 o que nos dá ideia do que vai ser possível no futuro, tendo ainda em conta que ainda no ano findo foram

gastos 8.000\$00 em obras.

Tudo isto é possível graças a uma direcção atenta e a uma administração da pedreira verdadeiramente exemplar. A direcção preside esse



Paulo Barbosa de Macedo
Presidente dos Bombeiros Voluntários

homem de realizações constantes, sr. Paulo Barbosa de Macedo e dela fazem ainda parte os srs. Domingos Rodrigues, José Manuel de Macedo, Francisco Calheiros de Abreu e António Geraldino Meneses.

Ouvido o relatório e apro-

Continua na 4.ª página

TRIBUNA FEMININA

Da mulher

Para a mulher

Anabela — A sua mãe tem toda a razão. Proceder dessa maneira, na sua idade, (pense que já não é rapariguinha) é insensato e pode prejudicá-la imenso no conceito dos outros. Dirá, como já disse à sua mãe, que isso lhe é indiferente, mas faz mal. A uma mulher nunca pode ser indiferente, o que os outros pensam dela, se nessa opinião está implicado o conceito de honestidade. E sabe, já sabe com certeza, que com bem pouco, muitas vezes só mesmo com aparências que nada significam na realidade, se pode estragar a reputação duma mulher. Atitudes levianas, embora sem significarem leviandade no seu pior sentido, não. É trair a sua missão de rapariga. Deturpar a finalidade da sua juventude. Está tão a tempo de remediar tudo! Ouça, pois os conselhos da sua mãe (já os devia ter ouvido, até) e só aproveitará com isso. Mostre aos outros que é uma rapariga sensata e boa, que gosta de brincar, sim, mas que não gosta de ser bobo, nem permite que a considerem tal.

Por onde? — Por onde possa divisar uma esperança bem fundamentada de felicidade. Se realmente acredita que gosta dele e lhe reconhece determinado número de qualidades, não vai recusá-lo apenas porque em tempos longínquos ele teve um flirt com uma colega sua. Concorde que o motivo é pouco forte e se o considera é apenas porque tem uma consciência escrupulosa. É bom que a tenha e procure conservá-la, mas que seja capaz de a dominar com o bom senso. Essa história sentimental que acabou quase antes de começar, não pode influir na sua decisão. Crê que ele a ama e ama-o. Experimente. Faça o que é sensato fazer. E quem lhe garante que não será esta a sua definitiva experiência?

H. R. T. — Peço-lhe que me envie a sua direcção, se estiver interessada, ainda, na resposta ao seu problema. Bem vê que é demasiado delicado para ser tratado nestas colunas.

Biberot — Ponha-se em guarda. Ele deve ser apenas um banal coleccionador de namoradas e não o homem que sonhou para seu marido. Depois dum namoro bastante e sério durante meio ano, acaba por um motivo fútil, e lança-se à conquista de todas as suas amigas e raparigas que lhe apresentou! E depois de ter corrido todas, uma a uma, volta para si, com um certo ar de superioridade, convencido de que ainda está louca

por ele. Querida amiga reconheço-lhe (pela sua carta) bom senso e força de vontade; dê-lhe o que vulgarmente se chama «uma boa ensinadela». Diga-lhe abertamente como o acha inferior, indigno de consideração, e não torne a permitir-lhe conversas consigo. Que bom já não gostar dele. Vai causar-lhe pelo menos alguns minutos de meditação e quem sabe talvez lhe sejam proveitosos (embora não o creia muito). Ainda outra coisa, quando quiser escolher o seu namorado, seja um pouco exigente. Só assim evitará novos aborrecimentos.

Por que é que

OS HOMENS SÃO ASSIM?

A Maria da Luz, é uma dependente. Conquistou essa independência por si própria, obrigada pela força das circunstâncias.

O marido calma e serenamente, virou as costas às suas responsabilidades, tauto se lhe dava que houvesse dinheiro, para comer, para a alimentação dos filhos, como não houvesse.

Ela, a Maria da Luz, primeiramente não queria acreditar que ele fosse assim, tentou dar-lhe um curso, tentou com palavras e gestos carinhosos atraí-lo a si, acordá-lo, mas ele é que não se importava com nada ou melhor, aceitava os factos, as prendas ou carinhos como se fossem uma obrigação que ela tivesse.

A pobre da Maria da Luz, chegou mesmo a levantar um dinheiro, duma caixa de vinte amigos e colocá-lo num envelope, juntamente com outras prendas que tinha recebido, só para que as amigas não soubessem que o marido nada lhe tinha dado no dia de anos.

Natal, Páscoa, aniversário, tudo se passava como se ela não fosse ninguém. Ao fim do mês o dinheiro era posto em cima da balança da cozinha, primeiramente oitocentos depois mil e quinhentos e por fim o dinheiro da luz arrancado a muito custo. Ele um dia fora passear até à Galiza, trouxe-lhe como lembrança um licoreiro...

Hoje a Maria da Luz é uma mulher independente. Habitou-se mesmo, à ideia de não contar com ele para nada.

Outro dia fizeram anos, ele lembrou-se pela primeira vez de festejar o facto e que o fez?

Antes de iniciar um regime para emagrecimento ou para nutrição, deve consultar o seu médico, ele melhor que ninguém a poderá aconselhar sem resultado prejudicial para a sua saúde.

São vários os regimes que se devem aplicar para engordar ou para emagrecer. Antes de decidir um determinado regime, é necessário consultar um médico, a fim de conhecer a causa do emagrecimento ou do acréscimo de gordura no corpo. Em caso de moléstia, incumbe ao médico a prescrição do regime. Mas, se a saúde for julgada perfeita, e o emagrecimento ou a

pergunta: — Anjo, se o Banindo as tuas... e tor ele compra, umas coisas que apareceram na mesa, como caídas do céu aos trambolhões... A Maria da Luz nada se disse sobre a opípara refeição. Nem uma palavra, nem um gesto, nada. A Maria da Luz, à noite pegou em si e foi ruas fora, passos trémulos.

Evidentemente, que pela força das circunstâncias, por tudo quanto se desenrolou anos seguidos, Maria da Luz, deixou de ser meiga, carinhosa, vive uma vida de autómato, conforme pode suprir as despesas da casa e não sente as horas que passam. Ele, para ela, passou a ser um estranho.

A que propósito o marido da Maria da Luz, se lembrou de festejar um acontecimento, que fez desgraçados os dois?

A que propósito, o marido da Maria da Luz, não soube que uma mulher não se conquista com silêncio, com abandono...

Anos atrás, talvez Maria da Luz se encantasse com o gesto do marido, talvez até entre lágrimas lhe pedisse perdão e tudo voltasse a ser como antes. Agora é tarde.

E o que é certo, é que Maria da Luz, não sabe a que atribuir o jantar melhorado dum aniversário que só se festejou no primeiro ano da comemoração.

Se tudo enquanto fora tempo, não se operou, o marido da Maria da Luz, como homem podia e devia, conseguir que ela o não afastasse.

Por tudo o que aqui ficou dito e pelo muito mais que ficou por dizer eu perguntou a mim própria... mas por que é que os homens são assim?

ELEGÂNCIA E BELEZA

gordura prevêm de causas congénitas, deve-se fazer o regime de alimentação, estabelecendo um cardápio especial e condições de vida particulares a cada caso.

Para emagrecer

Para emagrecer deve-se comer menos e usar alimentos menos gordurosos, com exclusão de pão e farináceos. Numerosos médicos recomendam a substituição das três refeições principais do dia por seis mais leves. Pela manhã, aconselha-se a tomar suco de fruta, de preferência laranja, e um biscoito. Duas horas depois, pode-se aumentar a ração, comendo um pouco de presunto ou um ovo cozido, mais um biscoito. Ao almoço, sem sopa, um pedaço de carne assada, um pouco de legumes e chá ou café sem açúcar. À tarde, chá, se possível com umas gotas de limão, pouco açúcar e alguns biscoitos. Jantar muito leve composto de pedacinhos de presunto, um pouco de manteiga e chá. Naturalmente, nenhum álcool é permitido. Antes de dormir, um pouco de água mineral. Deitar-se cedo, o mais cedo possível.

Para engordar

Para engordar, será, exactamente o contrário. O menú deve ser mais rico, mas sem o exagero, a fim de evitar cair em extremo oposto, tornando-se gorda demais. Nesse regime deve haver ovos, presunto, arroz, muito legumes, de preferência batatas, feijão, lentilhas todas as bebidas açucaradas, café, e chá com leite, doces e biscoitos em maior número, e frutas, de preferência bananas e peras. Antes de se deitar, um copo de leite cru.

Culinária

Rim à minha moda

Rim — Manteiga -- Maizena Vinho Branco.

Corta-se o rim em pequenos quadrados e fritam-se num pouco de manteiga depois de temperados com pimenta e sal. Depois de frio tira-se o rim da frigideira, dissolve-se uma colher, das de chá, de farinha maizena num pouco de caldo de carne, adiciona-se o vinho ao pedalar, salsa picada e manteiga põe-se a ferver durante um quarto de hora pouco mais ou menos, mexendo sempre.

Em seguida deita-se o rim no molho para aquecer e serve-se.

Se for possível com poré de batata.

Bacalhau com Presunto

É preciso bacalhau grosso e bem demolido.

Abrem-se as postas, tira-se-lhes as peles e recheiam-se com tiras de presunto.

Recheadas as postas, cobrem-se com puré de batata, põe-se-lhes em cima as peles pregadas com palitos. Põem-se num tabuleiro e deita-se-lhe, por cima, vinho branco, rodela de cebola, azeite, sal e manteiga. Este molho ferve durante 10 minutos, engrossa-se depois, com farinha desfeita em água fria ou caldo de carne.

Enfeita-se o bacalhau, depois de saído do forno, com ovos cozidos, cortados miúdos ou às rodela juntamente com salsa picada.

Leia, Assine

Publique na

«Tribuna Livre»



FUNDADA EM 1835

COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO',

SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA do CONCELHO

Mais vale só...

Os patifórios todos deste mundo
E mais a escória traiçoeira, in.erna,
Abrem a boca num latido imundo
Contra esta Pátria que Deus quer eterna.

Amigos a fingir não nos faltavam...
Bretões, americanos, sei lá bem
Quantos, p'ra nos comer, nos afagavam
Com manhas que a raposa também tem!

E fizeram-se anti-coloniais,
Eles, os que exploraram as colónias
Sómente em seu proveito e nada mais,
Andam agora a fomentar felonias.

Nos livres territórios lusitanos!...
Nações que ontem ainda nada eram,
Braço dado aos tráfuis americanos,
Rouba-los para si se propuzeram...

Amigos da mentira e da traição,
Vendo em tudo um negócio, uma vantagem,
Dão ao demónio a alma e o coração
Em cujo altar lhe prestam vassalagem.

Mas não, não vencerão os da cobiça
Nem os sem Deus terão o seu reinado;
Que quem tem fome e sede de justiça,
Há-de ser, cá na terra, saciado...

Portugal, vencedor de mil batalhas,
Mais esta vencerá, se Deus quiser;
E já vê envolvidos em mortalias
De deshonra, quem tanto mal lhe quer.

Não tenho voto, como sói dizer-se,
Na matéria, mas tenho confiança
Que tudo quanto deverá fazer-se
É mandar ao diabo essa aliança...

Aliança que quando foi firmada,
Há séculos já, por lusos e bretões,
Estava ainda a terra povoada
Por gente honesta e não por vis ladrões!...

Que triste página escreveu na história
Do Reino Unido, tão gentil rainha!...
Como é possível esta mancha inglória
Numa nação que por leal se tinha?!...

Não fomos nós, ó; não, ali vencidos...
Que não perdemos honra nem nobreza,
Mas dois impérios tristemente unidos
Que se cobriram d'imortal vileza!!!

Mas lá da Rússia, o bandoleiro-mor,
Cuja quadilha age em toda a parte,
E que na O.N.U. leva sempre a melhor
Roubando os sócios com matreira arte.

UERBA



RELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

P. D. Frei Caetano Brandão

Telefone 22526

Braga

Elísio Gonçalves

Passou ontem mais um aniversário natalício, o nosso camarada e distinto jornalista senhor Elísio Gonçalves.

Bom chefe de Família e desde há muitos anos Presidente da Junta de Freguesia de Carrazedo, o senhor Elísio Gonçalves, goza do maior prestígio e popularidade de todas as pessoas de bem.

Espírito generoso e de bom coração, está sempre pronto em prestar a sua colaboração, naquilo que ele possa ser útil, especialmente em benefício dos necessitados.

Perito oficial da Direcção de Finanças, encontra-se presentemente a exercer aquelas funções no concelho de Ponte do Lima, aonde preside muito dignamente a uma comissão de avaliação.

Tribuna Livre presta justa homenagem a este seu mais dedicado colaborador, formulando os mais ardentes votos para que esta data seja repetida por inúmeros anos.

ULISSES VALTER DA SILVA

Na Secção de Finanças de Vila Verde, tomou posse na passada quinta-feira do cargo de aspirante para o que foi nomeado o senhor Ulisses Valter da Silva.

A posse foi-lhe conferida pelo respectivo Chefe de Secção e nosso particular amigo senhor José António Machado Júnior.

Espírito esclarecido, de trato afável e da melhor conduta social. Nacionalista convicto, prestou durante dois anos serviço no Estado Português da Índia, tendo alcançado alguns louvores.

Tribuna Livre formula os seus mais ardentes votos para que o novo funcionário ao serviço da Fazenda Pública, encontre as maiores felicidades e prosperidades no cargo para que foi nomeado.

DESORDEM EM PROSELO

Proselo, 18—Ontem, quarta-feira, junto do Paçal da freguesia de Proselo, envolveram-se em desordem as serviçais, Piedade Teixeira da Cunha e sua irmã, ambas menores e ao serviço do pároco local, por questões que se julga serem de ciúmes.

Na pugna houve ofensas da moral pública e ofensas corporais, umas e outras de certa gravidade, tendo ocorrido muita gente entre a qual Hernani de Oliveira e sua mulher e filha, Amélia centoneira e filha, Alexandre de Barros e muito público que conseguiram apagar o barulho depois do escândalo que o mesmo deu.

Notícias para Angola

Ao começar as minhas notícias de hoje quero em primeiro lugar destacar a personalidade do jornalista Angolano sr. Ferreira da Costa pelos relevantes serviços prestados à Pátria que ele estremece, e que defende com todas as veras da sua alma. As suas notícias pelo rádio encheu de coragem todos os ouvintes e devem desmoralizar as feras humanas que se infiltram no nos-o sagrado património Africano para matar a sede de vingança dos que

se servem de qualquer meio para atingir os seus desígnios destruidores.

Por toda a parte os rumores da imprensa sensata que ainda exalpelisa os escandalos morais dos cavalheiros empoleirados, denunciam que essa podridão pertilenta tem que acabar para sempre porque já causou ao Mundo milhares de vítimas inocentes.

O notável discurso do eminente Chefe do Governo Português colocou numa situação difícil a dignidade de algumas Nações que passaram a não

Continua na 4.ª página

Novo Funcionário

A seu pedido foi colocado no Palácio dos Duques de Bragança em Guimarães, o senhor Manuel Martins Fernandes que durante muitos anos desempenhou com muito aprumo, o lugar de escriturário da Firma Irmãos Barbosa de Macedo.

Por esse motivo, deslocou-se na passada quinta-feira àquela cidade, inúmeros amigos afim de assistirem á sua posse.

Tribuna Livre ali representada pelo seu ilustre editor senhor Paulo Barbosa de Macedo, apresenta ao empossado as maiores felicidades e facilidades do seu novo cargo.

ANIVERSÁRIO

Passa na próxima Quinta-feira, dia 24, o seu aniversário natalício o Snr. António de Almeida, empregado desta Tipografia.

Seus colegas de trabalho, assim como sua esposa e filhos e restante família desejam-lhe muitas felicidades e que esta se repita por muitos anos.

Salvé 19-1-962

Passou ontem o seu aniversário de casamento o Snr. Joaquim José de Macedo, proprietário da Casa de Pasto, Antiga casa Tomé, nesta Vila.

Por tão faustosa data Tribuna Livre felicita-o e faz votos que esta se prolongue por longos anos no mais são amor conjugal.

CARRAZEDO

Em sufrágio da alma da S.ª D. Cristina Rodrigues e no dia da missa do 7.º dia, pelo filho do cornedador Pimenta Maclado, de Guimarães foi oferecida a quantia de 1 conto de reis para as necessidades da Igreja.

C.

Foi identificada

a rapariga que caiu do Viaduto Duarte Pacheco

O Viaduto Duarte Pacheco foi no dia 13, teatro de duas quedas mortais, autênticas tragédias que muito impressionou quantos dela tiveram conhecimento.

Ambos os cadáveres foram removidos para o Instituto de Medicina Legal, onde cerca do meio dia compareceu a serviçal Rosa Malheiro Gama, que identificou o corpo da rapariga como sua irmã, Balbina Malheiro Gama, de 24 anos, solteira natural de Amares.

A vítima era também serviçal, numa casa da Rua Luciano Cordeiro, e parece nada ter que ver a sua morte a do rapaz, tratando-se de simples coincidência.

Obrigado, Espanha

(Continuação da 1.ª página)

também é de Goa.

«Goa não é só nossa, porque também é dela.

«O seu tumulto profanado é insulto na face da Península. «Levantemo-nos de novo em espírito de Cruzada. nós e tu, o que há-de reerguer no Oriente o lábaro de Cristo empunhado há quatro séculos pelo apóstolo das Índias.

«Reboa no céu de Portugal o clamor da fé e do triunfo, que sobe da terra espanhola ao encontro da nossa firmeza e do sangue dos nossos mortos.

«Irmã Espanha, bem hajas!»

Assinaram esta mensagem estudantes de Portugal europeu, dos Açores, da Madeira, de Cabo Verde, da Guiné, das ilhas de S. Tomé e Príncipe, de Angola, de Moçambique, do estado Português da Índia, de Macau e de Timor.

As palavras que em agradecimento proferiu o diplomata espanhol foram as seguintes:

«Portugueses! Com a palavra «portugueses», quero dizer amigos.

«Estamos na presença de uma luta travada pelo comunismo, para impor ao mundo o seu sistema. Ele escolheu a terra lusitana, porque é terra de heróis e de gente corajosa, e o domínio dela representa um avanço importante em suas ideias de expansão universal!

«Mas o Portugal de hoje é o Portugal eterno, o herdeiro do Portugal de Vasco da Gama e de Afonso de Albuquerque, e saberá caminhar para o futuro com passo firme e decidido vencendo todos os obstáculos e barreiras.

«Que 1962 seja o ano em que o mundo reconheça os direitos que assistem a Portugal.

«Na ausência do embaixador de Espanha, todos os da embaixada agradecemos a manifestação de simpatia que se tributa ao Chefe do Estado, Generalissimo Franco, e à Espanha.

«Nós, os espanhóis, estamos de todo o coração com os portugueses».

Ainda se ouviam ecos das aclamações, quando compareceram no edifício da chancelaria da embaixada o sr. Anibal David, vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa, e os vereadores D. Segismundo Saldanha e dr. Goncalves Lourenço. O primeiro, em nome do Município, usou da palavra, dirigindo-se ao diplomata espanhol, a quem disse:

«Dignou-se V. Ex.ª receber, há pouco, um mensagem de gratidão, subscrita por portugueses que vivem espalhados pelo mundo. Julgou o Município de Lisboa ser seu inclinado dever apoiar e solidarizar-se com tão nobre e significativa atitude.

«Assim, estão aqui, na ausência do seu ilustre presidente, que se encontra enfermo, o vice-presidente e a ve-

reação. Em nome da cidade, trazem o agradecimento emocionado e fremente da sua população à nobre, leal e sempre generosa Espanha, que soube, num dos mais graves momentos da nossa História, provar ao mundo que a honra e a lealdade são palavras que não desapareceram do dicionário peninsular.

«Assim pôde provar aos que são cegos, porque não querem ver, e aos que são surdos, porque não querem ouvir, que o futuro da humanidade está a ser defendido pela chamada da candeia de dois bicos, que Portugal e a Espanha teimam em manter acesa, para iluminar e salvar os transviados que a loucura quer perder, juntamente com uma civilização que herdamos e temos o dever de legar aos vindouros.

«Foi a Espanha, nação irmã e estimada, a única que deu ao mundo essa lição modelar, demonstrando o absurdo de uma luta em que um novo país, cobarde e sem força moral, atacou um pequeno e antigo Estado, que o direito da Razão e da História devia defender, como facho da velha civilização no Oriente. E mais: que só se conhece o amigo na hora do perigo. A Espanha falou na hora do perigo.

«Peço-lhe, sr. ministro, se digne transmitir ao Chefe de Estado espanhol Generalissimo Francisco Franco, e ao seu ilustre Governo, o testemunho da emocionada gratidão que a cidade de Lisboa, através da sua Câmara, aqui lhe veio trazer, solidarizando-se inteiramente com a mensagem que os portugueses acabam de depositar nas mãos de V. Ex.ª»

Teria sido o Destino?

Continuação da 1.ª página

grande fortuna dos olhos, mergulhando para sempre na dolorosa escuridão de cegueira, só por que encontrara um foguete que mão imprevidente abandonara assim, sem mais nem menos, à mercê do primeiro inocente que passasse!

«Foi o destino!» lastimam certas almas boas. Mas dar-se-ia o caso de não ter sido a incúria e o desleixo que, na verdade, originaram estes dois dramas?

Pense um pouco, leitor amigo, e ajude-nos a prosseguir a nossa cruzada.

TRIBUNA DE VIEIRA Carta de Ruivães

(Continuação da 6.ª página)

que ainda assim mesmo soube mostrar ao Mundo que a alma lusitana não se dobra, ainda mesmo quando a desproporção de forças, como no caso presente, era de 1 para 10.

A honra do nosso exército ficou nimbada de brilho, de galhardia e de superioridade moral.

Goa há-de continuar a ser portuguesa, pelo sentimento, pelo seu nunca desmentido amor à terra Mãe e pelo brio dos seus filhos.

Haverá alguma nação tão desavegonhada que reconheça tão criminosa anexação?

Estou velho, mas espero em Deus que ainda hei-de ver a América do Norte e a nossa... fiel aliada beberem pelo calice da amargura que inconscientemente deixaram colocar nos lábios dos honrados portugueses.

Mas, agora, pergunto eu: que estamos nós a fazer na Onu, que tanto dinheiro nos absorve e de que nenhum fruto benéfico colhemos?

Para que nos serve a nossa aliança com um país que só procura governar-se e que, como muito bem disse Salazar, tem muito boas palavras, mas, quanto ao resto, cada um que se agente.

Não!
É preciso acabarmos os entendimentos com quem nos prejudica, com quem nos abandona, libertando-nos de amizades falsas, que apenas servem para nos causarem decepções bem amargas e desenganos bem pungentes.

Não será irrisória a desculpa da velha Albion, quando ao ser-lhe invocado o tratado da aliança com o nosso país, em face do roubo projectado e executado de Goa, nos respondeu que não podia colocar-se abruptamente ao lado de Portugal, no caso em referência, porque a Índia fazia parte da comunidade inglesa?

Mas, agora, pergunto: qual dos dois países tinha razão? Portugal, ameaçado, invadido, ou a Índia, chefiada por autêntico bandido, que agredia e espoliava, sem ser provocada?

Onde estava, pois a razão? Era no lado desta que a velha e carunchosa aliada devia ficar.

Não o fez, também ficou a fazer parte do manicómio da barafunda.

Que lhe preste.

Amadeu Cesar

POR ISSO BATEMOS NELES

(Continuação da 1.ª página)

incluídos aqueles que protegem e cobrem o inimigo à sucapa ou à luz do dia, apressando-se lépidos a passar-lhe atestados de bom comportamento moral, civil e político, cada vez que a autoridade pretende agir em defesa da sociedade ameaçada (por isso batemos neles); estão incluídos os famosos tubarões ou comilões de corrente, com incontável número de ocupações remuneradas, e os seus testas de ferro, chamados tubarõesinhos, cujos benefícios confidentiais e incontabilizáveis são em número igual, só dissemelhantes na quantidade de cifras recebidas, provocando ao povo a ideia errada de que o País está novamente a saque (por isso batemos neles); estão incluídos os que alugam o seu patriotismo a tanto por linha, e que ao menor solavanco que lhes ponha em risco o mal-ganho benefício ameaçam passar-se para o revirinho (por isso batemos neles); estão incluídos os tidos como nacionalistas mas que procedem como internacionalistas, antepondo aos interesses e conveniências do seu país a preocupação de não «parecer mal» a certas nações estrangeiras poderosas não amigas verdadeiros tumores de fixação a entravar o nosso desenvolvimento económico (por isso batemos neles); estão incluídos todos os manteigueiros evangelistas, que venceram na vida à custa de lambidelas de botas, de gargalhadas vivantes de aplauso a anedotas contadas pelos protectores e de ofertas de pão de ló para os meninos dos padrinhos, e que nunca conquistaram um cargo, mesmo de fiscal, por concurso de provas públicas, acumulando funções quase inventadas para eles e tapando o acesso aos mais aptos (por isso batemos neles); estão incluídos esses «encantadores» abencerragens que se intitulam nacional-socialistas, embora abstractos nas artes plásticas e invertidos nos costumes, numa contradição incrível com as teorias hitlerianas que abominavam os pantomineiros da pintura e as estravagâncias dos larilas (por isso batemos neles); estão incluídos as autoridades políticas e administrativas que desempenham as suas funções como se proprietários fossem de uma horta, promovendo o mau estar dos cidadãos e a descrença do povo na justiça oficial (por isso batemos neles); estão incluídos nesses heróis de pacotilha que nunca souberam fechar um punho para descarregar um muro, que se esquivaram ao serviço militar por meio de artifícios e protecções, mas que andam para aí ao molinho a doutrina canhestamente em matéria de patriotismo e valentia aos microfones, nas mesas dos cafés e nos seus escritos principescamente retribuídos, atrevendo-se a fazer apreciações sobre a conduta dos nossos soldados, comentando o seu comportamento em frente do inimigo, eles que nunca atacaram senão uma gamela, diante da qual estão sempre de garfo

em riste (por isso batemos neles).

Eis por que nós não somos dos «nossos»; eis por que não provocamos a divisão dos «nossos»; eis por que desejaríamos do coração que estes «nossos» fossem reconhecidos «nós» «outros». Nós somos nós, maioria nacionalista desinteressada do País. Não somos todos, não senhor, mas não queremos aumentar de número a custa da coiranagem.

A vida progressiva da Associação dos Bombeiros Voluntários, referida na Assembleia Geral

Continuação da 1.ª página

vadas as contas foram eleitos os seguintes corpos gerentes:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Mário António Ramos de Azevedo
Vogais — Abel José Antunes Alvaro de Araújo Gomes

DIRECÇÃO

Presidente — Paulo Barbosa d' Macedo
Vice-presidente — Domingo Rodrigues
Secretário — Francisco Calheiros de Abreu
2.º Secretário — António Gerardo Mendes
Tesoureiro — José Manuel d' Macedo

CONSELHO FISCAL

Dr. António José da Costa
António Baptista Macedo Fernandes
Januário da Silva Barros.

Fica, assim, no que respeita à direcção a Associação entregue aos mesmos elementos o que é mais uma garantia de que vamos continuar a ver a Associação seguir a sua vida de progresso.

Notícias para Angola

Continuação da 3.ª página

ser úteis a não se preocuparem com os seus interesses e aqueles que eles receiam que lhes façam o que nos fizeram a nós, ao Katanga e agora a Holanda. A finalidade de uma política indefinida vai ser um catastrophe porque não conseguem arranjar confiança depois de uma traição a compromissos formais e antigos com países que nunca lhes faltaram com o seu apoio.

Portugal não está só. Impedidos pela força do Direito e da Justiça há-de triunfar embora a provação que sofrem continue enquanto os Grandes Ocidentais e americanos não alertarem para fim que os espera se continuarem providos e serenos. Espera de uma conversão «fera» humana que quer se senhor do Mundo pelo terror e substituir-se ao verdadeiro Deus.

Elisio Gonçalves

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODULAR

Telefone 62113

Amores

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. JOÃO DE REI

queiros de centeio Soomente sem outra cousa de quaaes sam repartidas per todos os que cada hua eira malham o pam co senhorio. E a palha he toda do senhorio assy tri-ga como çentea do pam e do dito senhorio tirando a palha milha que fica com os lavradores segundo cada huu trouxe por que o milho nam se parte em molhos como o outro pam mas partasse depois de debulhado ou limpo nas mesmas eiras.

E da palha çentea podem levar cada huu dos lavradores da que pagã e malhã senhas duzias de colmeiros e se la nom chegam repartesse per todo llos outro que mais tem que a dita duzia. E o que sobejar da duzia a cada huu dos ditos lavradores sera do senhorio.

E dalli das eiras levaram cada huus o seu pam que pagaram e malharam ao celleiro aa sua custa. E nam sam nem seram obrigados a fazer celleiro nem adega ao senhorio nem ao refazer em nenhuas cousas salvo a telhar ou retelhar dando o senhoria a telha. E isto hua soo vez no anno e mais nam ho qual retelhar sefara per giro repartidos per todos os foreyros sem seer nenhuu escuso disso per giro.

Item pagasse mais na dita terra per estes quatro casaaes: o casal da varzea E o do estremadoyro E o delacayo E o da lavandeira outro dito que se chama da lagarem; dous almudes cada huu de vinho aa bica desta medida ora corrente os quaaes almudes se tomam primeiro que se o vinho parta do monte mayor. E pagasse mais pollos herdeiros dalvaro de casaaes hua marrã e cem Reaaes em dinheiro e hua cabaça de vinho e isto per pzo (prazo) de diogo de azevedo o qual segudo as festimunhas da Inquiriçam que mandamos particularmente tirar na dita terra se fez por desobrigar lo dito alvaro de casaaes e seus herdeyros por nom hirem povoar a casal de Lamas que era despovoado de que hera Reguen-gueiro. E posto que este casal fosse depois povoado como he pagandosse delle o foro hordenado todavia sempre se paga o foro do dito prazo. E por tanto decramos que nom avemos por bem que se paguem os ditos de huma cousa e que fique em escolha nossa ou de nossos officiaes levarem o que o casal reguengo ora paga e nam a penssam do prazo ou levarse o foro do prazo. E o que render o reguen queiro sera pera os que delle pagam o foro do prazo.

E mostrasse pollo dito foral amtigo que alle dos quartos e quintos que se mandava pagar dos reguengos e terras já feytas se pagasse tambem das arroteas e terras novas que se Repressen o quarto. E ally se pagara ao diante salvo nas terras que pagam pollo dito foral o seis-to nestas taaes se nam pagara mais quarto nem outro dito posto que se nellas rompam e lavrem terras novas salvo o dito seis-to tirando virim que paga do casal de Santa eyria de quarto per emprazamento por ficar distinto pagando ante de seis-to.

E por quanto polla dita nossa Inquiriçam se mostra sea — seja hua vinha per Gomçallo Vaaz de requeixo em huu seu campo junto da adega de requeixo a condiçam de ficar a elle e a seus herdeyros com seu foro mandamos que lhe seia tornada tanto por tanto.

Item por quanto nos partimos com os lavradores o pam vinho e castanhas ante de serem dizimados portanto nos pagaremos o dizimo inteiramente da parte que das ditas cousas ouvermos.

Item seram obrigados os moradores da terra fazerem cada anno hua Ramada de Ramos aa porta do paço da terra quando o senhor hy for. E daram outro dia no Ryo em pescar com raposas que assy chamam em nome do dia que aviam de dar ao senhor de torviscada a qual nam daram mais

Eh mais nossa hua pesqueira toda inteira em bozello no Ryo do cavado. E tem mais a coroa Real na dita Ribeira em friande na Ribeira de Soaz outra pesqueira propria pera se pescar ou arrendar como mais quiser o senhor dos ditos ditos. E tem mais hu canal derybado no bico de paço de Santa eyria com huas moendas de pam. E nam se paga per foral nem se custuma de se levar sem embargo de se querer na dita terra empertar lutosa por gayosa por que gayosa nam se pode entender por lutosa. E paga sse mais na dita terra per cada morador trinta e cimquo Reaaes per senhas espadoas de porco que aviam de pagar os quaaes nam pagaram soomente os ditos XXXV Reaaes por cada hua com os outros foros. E paga mais todo o conçelho em cada hu anno por voz e coima novecentos e setenta e dous Reaaes por dia de Santo estevam repartidos pollas pessoas do toda a terra pollo

(Continua no próximo número)

ENRIQUE GALVÃO NO BRASIL

Henrique Galvão está sujeito às leis do Brasil, nomeadamente ao Código Civil e ao Código Penal — declarou o chefe do gabinete do ministro da Justiça, dr. Resende Rocha, comentando, a queixa apresentada pelo proprietário do Hotel Itália, de Belo Horizonte, onde aquele político português deixou por pagar uma conta de 163.280 cruzeiros, relativa à hospedagem durante os dias em que ali esteve com residência fixada.

Acrescentou o dr. Resende Rocha que «a questão entre as duas partes é um caso de direito privado, que se resolverá na justiça comum. Por outro lado, o Ministério das Relações Exteriores já esclarecera que, de acordo com as normas do asilo político, Henrique Galvão ficou obrigado, desde que desembarcou pela segunda vez no Brasil, a cumprir as leis brasileiras e a obter «carteira modelo dezanove», dada aos estrangeiros aqui residentes: só ele é responsável, portanto, pelas despesas da sua manutenção».

Músico alemão convidado de dirigir cursos no Brasil

(Continuação da 6.ª página)

Ernst-Ulrich von Kameke sente-se feliz por ter encontrado em Hamburgo um instrumento precioso: o órgão da Igreja de São Pedro. Este testemunho representativo da arte de construção de órgãos na Alemanha deve-se a Rudolf von Beckerath, conhecido e estimado não só na Alemanha mas também nos Estados Unidos. Este órgão constitui o «pendant» digno do célebre órgão barroco de Arp Schnitger, na Igreja de Sant'Iago em Hamburgo.

Ernst-Ulrich von Kameke já deu numerosos concertos no estrangeiro: esteve na Dinamarca, na Inglaterra, na Holanda e na Suíça e, seis vezes, na Suécia. Este ano o coro misto da Igreja de São Pedro irá à Dinamarca, à Suécia, à Finlândia, realizando-se também concertos nas emissoras de Estocolmo, Upsala e Helsinquia.

Kameke já esteve no Brasil em 1959 como docente de história da música e de teoria, num curso realizado em São Paulo. Nessa ocasião deu vários concertos. Aguarda com maior interesse o curso em Teresópolis, que, segundo consta, se realizará numa ampla base internacional. Depois do curso, Ernst-Ulrich von Kameke dará concertos de órgão em várias cidades brasileiras e pronunciará em São Paulo uma conferência subordinada ao título «A situação da música sacra europeia contemporânea».

A Guiné Portuguesa

(Continuação da 1.ª página)

que vos tenho dado, fosse em direitura a essa Praça entender de vós, e praticar convosco, os meios mais convenientes para se atalhar os danos de que me dais conta no particular da Companhia de França, e dos mais navios estrangeiros que infestam essa Costa, para que ajustados entre vós e ele os possais executar pelo que vos toca, e ele vos possa ajudar de Cabo Verde com todos os socorros que lhe forem possíveis; e que se entenderá naquela parte que os meios respeitarem à «defensa» dos meus domínios e que não possam resultar maiores danos, de que hoje se podem nem alguns contrários ao Serviço de Deus Nosso Senhor e ao bem das almas, nem ao estabelecimento da paz, que tem esta Coroa com os mais reinos da Europa».

«Encomendo-vos muito que com o Governador Veríssimo Carvalho da Costa, vos haveis de maneira, que vos mostreis reconhecido de ir tratar convosco os meios da «defensa» e aumento dessa Praça e Portos dessa Costa para vos poder ajudar em meu Serviço, e vos mandar os socorros de que necessitares; e ainda que esta ocasião o fez passar pelo inconveniente de ir a essa Praça sem título algum e sem tomar posse do seu Governo será razão que o trateis com aquelas cortezias, que se devem a um Governador que juntamente tem o título de Capitão-General dessa Conquista; e tanto a ele como a vós ordeno, que daqueles mesmos meios que entre vós e ele se ajustar, que possam ter algum dano irreparável na execução, os suspendais até me dar conta e a ele dareis logo de tudo, o que se contém nesta carta.»

O novo governador de Cabo Verde, logo que desembarcou em Cacheu, e depois de ser posto ao corrente de tudo que se passou e passava, ordenou a prisão de Bebiana Vaz e de seus sobrinhos.

A prisão do principal elemento da rebelião e dos seus auxiliares mais decididos desorientou, por completo, os cúmplices de maior categoria ao ponto de tentarem subornar o Governador das Ilhas de Cabo Verde, oferecendo-lhe cem escravos em troca da liberdade dos prisioneiros, o que aquele alto funcionário, probamente, recusou.

Depois de bem averiguar das responsabilidades de cada um

dos rebeldes, Veríssimo Carvalho da Costa manteve a prisão da Chefe da revolta, bem como a de um dos seus sobrinhos e levou-os, consigo, deportados para a Ilha de S. Tiago.

Bebiana Vaz deve ser a «Viviana Vás» de que Lourenço de Matos Gomes, ou Lourenço de Matos Andrade, seu enteado, morador na mesma Praça de Cacheu, acusou, em petição a Sua Alteza, por intermédio do Conselho Ultramarino.

Na sua queixa-exposição diz que—por morte de seu pai, Ambrósio Gomes, que fora Capitão-Mor daquela Praça e detentor de uma avultada fortuna—«Viviana Vás», a viúva, se apossou de tudo, como cabeça de casal, desbaratando uma grande parte dos haveres em dádivas e, obstinadamente, se opunha a fazer as partilhas com ele peticionário.

Lourenço de Matos Gomes, ou Lourenço de Matos Andrade, vendo desaparecer a pouco e pouco, todos os cabedais que seu pai deixara, com manifesto seu, suplica, a quem de direito, que nomeie o Capitão-Mor de Cacheu ou Ouvidor Geral das Ilhas de Cabo Verde para fazer o inventário e proceder as partilhas, pedindo, ao mesmo tempo, que para sua salvaguarda, se requestrem os haveres que ainda existem.

Desde, porém, que não houvesse viabilidade no que supplicava e pedia, que o Governador das Ilhas de Cabo Verde nomeasse um Ministro, de toda a insensação, para ir a Cacheu, proceder ao inventário e às partilhas, pois prontificava-se a pagar, de sua conta, todas as despesas que se houvesse de fazer com tal diligência.

Por carta de 19 de Setembro de 1680, ordenou-se ao Ouvidor Geral das Ilhas de Cabo Verde que informasse o Conselho Ultramarino com o seu parecer sobre o assunto, o qual foi dado em 5 de Julho de 1682, com a informação de que tendo ido a Cacheu, em serviço da Coroa, verificou que Ambrósio Gomes havia falecido e deixara grandes haveres, mas que já se achavam muito diminuídos e custava a acreditar como se havia desbaratado tanto em tão pouco tempo.

Que Lourenço de Matos Gomes, naquela ocasião se achava preso à ordem do eclesiástico, por lhe imputar a prática de crimes que mais tarde se não provaram.

(Continua no próximo número)

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

TRIBUNA DE VIEIRA

CARTA DE RUIVÃES

No manicómio da barafunda

É inexplicável o que se vêm passando no seio das Nações Unidas e da Onu.

Num desvairamento sem rumo, essas organizações, que foram criadas para salvaguarda da paz entre os povos e para garantia e defesa de direitos legais, transformaram-se em instrumentos de desordem, de agressão e de protecção descarada ás doutrinas bolchevistas.

Os fracos, que puseram as suas melhores esperanças nas Nações Unidas, vêm desmoroar-se fragorosamente essas esperanças e, assim, continuam aqueles a ser presa dos mais fortes e dos apetites incontidos dos que trocaram a honra pelo mais hediondo cinismo.

Regressamos, não há dúvida, aos recuados tempos da barbárie.

A civilização do século XX é uma vergonha, em face do que se vem passando no momento presente.

O mundo está num vulcão permanente.

A Rússia, com grande habilidade, há muito que tomou o pulso nos ocidentais e, por etapas bem idealizadas, vai alargando os seus criminosos desígnios, e não tardará muito que fique com quase todos os povos afro-asiáticos na mão. Trate cada um de se melhorar por onde e como puder e não conte com a acção da grande América do Norte nem com a solidariedade do povo inglês.

Quer aquela quer este apenas cuidam dos seus interesses.

Portugal, o velho e honra-

do Portugal tem um tratado de aliança com a Inglaterra, com aquela Inglaterra que em 1890 nos mandou um ultimatum injusto e venatório, e que antes da primeira Grande Guerra tinha efectuado com a Alemanha a apropriação das nossas províncias de Angola e Moçambique.

Em 1914, aquela viu o seu velho aliado cumprir os seus deveres, colocando-se inteiramente ao seu lado, a correr os mesmos riscos que ela corresse, e a dar em França e na África o seu sangue e as vidas dos seus soldados.

Ao rebentar a segunda Guerra Mundial, o governo português, sem sofismas, declarou-se pronto a cumprir o tratado de aliança com a Inglaterra, se esta o invocasse, cedendo-lhe, até, as suas bases nos Açores.

Quer a primeira, quer a segunda guerra não resolverem nenhum dos problemas que afligiam a humanidade; mas, em compensação, a anarquia dos espíritos avassalou o Mundo, e aquela liberdade fementida de que uns e outros se diziam defensores, cedeu o passo á dança macabra a que vimos assistindo, sem esperança de que os homens ganhem juízo.

O civismo tornou-se o instrumento preferido pelos vampiros da ambição, e, em nome da paz e da liberdade dos povos, anexam-se territórios, mette-se o nariz em siara alheia, preparam-se revoltas, rouba-se, amesquinha-se, e não há quem procure pôr cobro a este degradante espectáculo, que é a

maior vergonha da humanidade do século que decorre.

As alianças atraçoam-se; as amizades renegam-se; e os deveres ladeiam-se miseravelmente.

A Hungria, quando quis defender a sua autonomia, viu a sua mocidade assassinada pelas metralhadoras russas, dentro da sua própria casa. A Polónia; igualmente.

E o que se está passando, presentemente, no Congo?

A tal Onu, aquela Onu que todos já conhecemos de gingeira, interveio, é certo, mas não para impor a ordem e evitar o derramamento de sangue, e antes para dar toda a força das suas armas ao comunismo, chegando a atacar e a assassinar os infelizes Katangueses, que defendem o seu ideal e o pedaço de solo que lhe foi berço. É o que se passou com o nosso caso de Goa?

Este é o mais repelento de todos.

O apóstolo da fraternidade humana, o seráfico Pandilha Nehru, o ladravaz descarado e impúdico, porque dispõe de um exército formidável, lembrou-se de nos roubar a nossa querida Goa, invocando a necessidade do arredondamento de fronteiras, esquecendo-se de que havia ali a paz, a ordem, o progresso e a liberdade que ele nunca conheceu na inteira pureza, e mobilizou, criminosamente, um exército de 40.000 homens, uma esquadra de guerra e 7 esquadrilhas de aviação a jacto, para esmagar uma diminuta força militar, que não chegava a 4.000 soldados, que não dispunha de aviação, e apenas tinha um pequeno e antiquado barco de guerra,

(Continua na 4.ª página)

Músico alemão convidado de dirigir cursos no Brasil

O organista e regente musical da Igreja de São Pedro em Hamburgo, Ernst-Ulrich von Kameke, foi convidado a participar como professor visitante no Curso Internacional de Regência de Coros e de Órgão que se realiza de 19 a 27 de Janeiro em Teresopolis. Foram-lhe confiados os cursos de regência de coros e de teoria da música.

Nascido em 1926 em Potsdam como filho de um juriconsulto, Kameke mostrou muito cedo especial pendor para a música sacra. Ainda criança, foi membro do coro da Igreja de São Nicolau em Potsdam, sob a direcção do pai do grande pianista Wilhelm Kempff. Começou muito cedo como auto-didacta, a aprender a tocar órgão. Quando no começo da Segunda Guerra Mundial quasi todos os organistas foram mobilizados, o menino de apenas treze anos foi nomeado Segundo Organista da célebre Igreja da Guarnição de Potsdam. Ainda durante a guerra, Kameke começou a estudar música sacra em Berlim. Como ele próprio declarou, este período de estudos transmitiu-lhe as mais fortes impressões musicais da sua vida. Para poder prosseguir nos seus estudos depois de 1945, Kameke deu numerosos concertos no sul da Alemanha. Na Universidade de Heidelberg, onde recebeu em 1949 o seu diploma da música sacra, foi discípulo de composição do célebre compositor contemporâneo alemão Wolfgang Fortner. Depois de estudar a ciência da música e exercer actividade regente musical em Eberbach, uma pequena cidade no sul

da Alemanha, foi-lhe confiada em 1954 em Düsseldorf a docência de história da música, órgão e regência de coros na Escola Renana de Música Sacra. Kameke exerceu estas actividades até vir para Hamburgo em 1959.

Além das suas actividades como regente musical da Igreja de São Pedro, dirige o grande coro infantil, o coro misto e o círculo instrumental, Kameke deu numerosos concertos de órgão e organizou a série de concertos «Nova música sacra». Estes concertos, de grande projecção para além dos limites locais, têm sido transmitidos pela Rádio do Norte da Alemanha. Propõem-se «desenvolver todo o domínio da música sacra moderna e retribuir para uma nova aproximação entre a música modernasacra e a música moderna fora do domínio eclesiástico». Também como compositor, Kameke põe-se ao serviço da sua ideia de facultar à música sacra alemã, ligada em grande parte à música antiga, as novas conquistas e os meios estilísticos da música moderna. São exemplo disso três das suas cantatas para coro infantil e instrumental de Orff, no qual se utilizam os elementos instrumentais adoptados por Orff na sua Carmina Burana. Também nas suas demais composições — 4 partitas para órgão, Toccata variata, Concerto para Orquestra de Câmara, cantatas e motetas — Ernst-Ulrich von Kameke evidencia-se como um dos mais relevantes representantes de elementos modernos na música sacra.

(Continua na 5.ª página)

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

«Continuação da Vida de D. Aleixo de Menezes»

em cadeiras debaixo do docel, em estrados altos de degraus, e o Sr. D. Duarte em almofadas de rás junto da Rainha debaixo do docel e as Sr.as D. Maria e D. Catarina em almofadas apartadas do docel e o duque de Aveiro fora do estrado, com assento posto junto a ele. Os oficiais de El-Rei tora do estrado da mesma parte em que estava o Sr. D. Duarte e as damas e galantes de uma parte e da outra da varanda, ao longo da parede e da forma seguinte (da mesma forma um esquema e depositivo).

Quando el-rei de Bellos (região de Timor) e seus filhos vieram a este Reino e houveram de vir beijar a mão de El-Rei, D. João III esperou o rei e a rainha na sala grande dos Paços da Ribeira, em um estrado alto de três degraus alcatifados e um docel de brocado e duas cadeiras do mesmo encostadas a ela, em que El-Rei e a Rainha, estavam a mão direita da Rainha estavam sentados: D. Maria em uma almofada, junto dela o Infante D. Luís em outra e as damas pelas paredes com os Srs. fidalgos.

Mandou El-Rei D. Nuno Alvares que fosse buscar el-rei de Bellos à banda de além, e muitos fidalgos com ele, em um bergantim bem consertado. E, quando soube que estava no cais, mandou o Infante D. Luís que o fosse receber e foi até ao fim da varanda. El-Rei o foi tomar até ao cabo da sala e aí pediu ao de Bellos a mão S. A. e o trouxe pela mão; e a Rainha desceu os degraus, e com ela estava o Cardeal, e mandou-lhe pôr a cadeira de veludo verde de espaldas à sua mão esquerda. Assim esteve falando um grande espaço e aos filhos de el-rei de Bellos mandou pôr almofadas às damas que estavam mais perto do estrado; e assim estiveram até se despedirem,

Cap.º XXIV — Como comia o Sr. D. Duarte no Paço, e outras cerimónias e cortesias.

Puseram uma mesa grande e comprida em uma sala; no topo desta outra atravessada em cruz afastada pouco da primeira e nisto comia o Sr. D. Duarte; no meio dela e à sua mão direita serviam os oficiais, e à esquerda estavam os moços fidalgos.

Na mesa comprida comiam os fidalgos de El-Rei D. Sebastião, os seguintes: Rui Lourenço de Távora, D. Luís alferes-mór, Luís de Silva, Bernardim de Távora, seu filho Francisco de Távora e outros muitos.

Serviam a esta mesa moços de Câmara e tiravam as iguarias; na mesa segunda comiam os fidalgos seguintes: Jorge da Silva, filho de Aires António da Gama, que servia por seu pai com os demais fidalgos e escudeiros e neste serviço serviam reposteiros como sempre fizeram quando com este Príncipe, El-Rei D. Sebastião ia a folgar fora da Corte; estava a mesa do modo que segue: (esquema).

Quando El-Rei ouvia missa na capela antiga dos Paços da Ribeira, a qual tinha tribuna ao redor, El-Rei, Rainha, Príncipes e Infantes e mais senhores ouviam missa sem descerem abaixo. Estava tudo pela ordem seguinte: (esquema).

Cap.º XXV — e último — como se havia o Duque de Bragança achando-se ao vestir de El-Rei D. Sebastião, por relação sua; Disse ele o modo do que eu tivesse sempre quando ia ao vestir de El-Rei meu Senhor, e em ir a tempo em que tivesse calçado os borzeguins; e chegava açucar rosado e dava-lhe a toalha; e, quando achava o camareiro-mór com a toalha ao pescoço, tomava-lha e dava-a a El-Rei. Quando a Rainha água às mãos vinha a toalha por cima do prato; e em lançando o camareiro mão do prato, lançava eu mão da toalha. Algumas vezes que cheguei antes dos borzeguins calçados, mandava-me assentar em uma arca, e isto não foi senão uma ou duas vezes, porque eu procurava sempre ir depois dos borzeguins calçados; e alguma vez que chegava mais cedo ao paço antes de entrar Gaspar Gonçalves, entretinha-me no terreiro ou em uma sala o mais longe e ali esperava até me trazerem recado que entrara Gaspar Gonçalves e nunca tratei de

(CONTINUA)